

VIOLÊNCIA CONTRA MINORIAS SEXUAIS E DE GÊNERO NO BRASIL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

*VIOLENCE AGAINST SEXUAL AND GENDER MINORITIES IN BRAZIL:
AN INTEGRATIVE REVIEW*

*VIOLENCIA CONTRA MINORÍAS SEXUALES Y DE GÉNERO EN
BRASIL: UNA REVISIÓN INTEGRADORA*

JULIANNE MIRLA DE ARAÚJO FREITAS

Graduanda em Enfermagem. Universidade Estadual do Piauí, discente de graduação – Parnaíba – PI.

jmirlaf@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0008-0584-8365>

NATAN CUNHA DOS SANTOS

Graduando em Enfermagem. Universidade Estadual do Piauí, discente de graduação – Parnaíba – PI.

natancunha@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0009-0425-9451>

NATANAEL DÁVIS SILVEIRA ROCHA

Graduando em Enfermagem. Universidade Estadual do Piauí, discente de graduação, Parnaíba – Parnaíba – PI.

silveirarochadavis@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0003-8617-2443>

THATIANA ARAÚJO MARANHÃO

Doutora em Cuidados Clínicos em Saúde. Universidade Estadual do Piauí, Professora Adjunta Nível III – Parnaíba – PI.

thatianamaranhao@phb.uespi.br

<https://orcid.org/0000-0003-4003-1365>

Recebido em: 26/12/2024

Aceito em: 26/12/2024

Publicado em: 10/02/2025

(Preenchido pela Comissão Editorial)

Resumo

Objetivo: analisar as evidências científicas que abordam as violências enfrentadas por minorias sexuais e de gênero no Brasil, por meio de uma revisão bibliográfica no período entre os anos de 2013 e 2023. **Método:** trata-se de uma revisão integrativa realizada pelas bases de dados SciELO, Medline via PubMed e LILACS, empregando-se os descritores “Minorias Sexuais e de Gênero” (*Sexual and Gender Minorities*); “Pessoas LGBT” (*LGBT persons*); “Homossexuais” (*Homosexuals*); “Gays” (*Gays*); “Lésbicas” (*Lesbians*); “Transexuais” (*Transsexuals*); “Transgêneros” (*Transgenders*); “Violência” (*Violence*); “Homofobia” (*Homophobia*); “Transfobia” (*Transphobia*) e “Brasil” (*Brazil*). **Resultado:** A revisão integrativa apresentada é constituída por dez estudos, dos quais emergiram quatro categorias temáticas para responder à questão norteadora: Perfis sociodemográficos dos indivíduos acometidos pela violência; principais formas de violência; Consequências das agressões; e, Intervenções aplicadas. **Conclusão:** foi possível evidenciar os fatores condicionantes que intensificam a violência na comunidade LGBT, entre estes estão os fatores sociodemográficos, ocupacionais e de conhecimento. Além disso, observou-se a demanda de mais estudos sobre a temática, de preferência com um rigor metodológico adequado, com o intuito de fomentar as propostas de intervenção, para auxiliar minorias sexuais e de gênero a terem seu direito de ir e vir efetivado na prática.

Palavras-chave: Minorias Sexuais e de Gênero; Violência; Homofobia; Transfobia; Brasil.

Abstract

Objective: To analyze the scientific evidence addressing the violence faced by sexual and gender minorities in Brazil through a bibliographic review covering the period from 2013 to 2023. **Method:** This is an integrative review conducted using the databases SciELO, Medline via PubMed, and LILACS, employing the following descriptors: “Sexual and Gender Minorities”; “LGBT persons”; “Homosexuals”; “Gays”; “Lesbians”; “Transsexuals”; “Transgenders”; “Violence”; “Homophobia”; “Transphobia”; and “Brazil.” **Results:** The integrative review consists of ten studies, from which four thematic categories emerged to address the guiding question: (1) Sociodemographic profiles of individuals affected by violence; (2) Main forms of violence; (3) Consequences of the assaults; and (4) Interventions applied. **Conclusion:** The review highlighted the conditioning factors that intensify violence in the LGBT community, including sociodemographic, occupational, and knowledge-related factors. Additionally, it was noted that further studies on this topic are needed, preferably with appropriate methodological rigor, to support intervention proposals and assist sexual and gender minorities in realizing their right to freedom of movement in practice.

Keywords: Sexual and Gender Minorities; Violence; Homophobia; Transphobia; Brazil.

Resumen

Objetivo: Analizar las evidencias científicas que abordan las violencias enfrentadas por las minorías sexuales y de género en Brasil, a través de una revisión bibliográfica en el período comprendido entre los años 2013 y 2023. **Método:** Se trata de una revisión integradora realizada en las bases de datos SciELO, Medline vía PubMed y LILACS, utilizando los descriptores "Minorías Sexuales y de Género"; "Personas LGBT"; "Homosexuales"; "Gays"; "Lesbianas"; "Transexuales"; "Transgéneros"; "Violencia"; "Homofobia"; "Transfobia"; y "Brasil". **Resultados:** La revisión integradora incluyó diez estudios, de los cuales surgieron cuatro categorías temáticas para responder a la pregunta guía: Perfiles sociodemográficos de los individuos afectados por la violencia; Principales formas de violencia; Consecuencias de las agresiones; e Intervenciones aplicadas. **Conclusión:** Fue posible evidenciar los factores condicionantes que intensifican la violencia en la comunidad LGBT, entre ellos los factores socio demográficos, ocupacionales y de conocimiento. Además, se observó la necesidad de más estudios sobre el tema, preferentemente con un rigor metodológico adecuado, con el objetivo de

fomentar propostas de intervención que ayuden a las minorías sexuales y de género a que su derecho de ir y venir sea efectivamente garantizado en la práctica.

Palabras clave: Minorías Sexuales y de Género; Violencia; Homofobia; Transfobia; Brasil.

1 Introdução

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define a violência como o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si mesmo, outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade, que resulte ou possa resultar em lesão, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação. Esta definição transcende as ações físicas, incorporando também ameaças e intimidações, que representam repercussões menos evidentes do comportamento violento (WHO, 2002).

Ao longo de períodos e culturas diversas, a população LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros) tem enfrentado associações prejudiciais, resultando em repúdio, segregação e violência. Nas últimas três décadas, alguns países têm progredido na ampliação dos direitos dessa comunidade, por meio de políticas públicas, visibilidade e ações de saúde adaptadas. Estes avanços buscam mitigar a violência dirigida à minoria, manifestando-se em diversas formas, como agressões físicas, psicológicas, sociais e morais (Silva *et al.*, 2016; Feddes; Jonas, 2018; Parente; Moreira; Albuquerque, 2020).

No Brasil, entre 2003 e 2016, houve avanços significativos para as minorias sexuais e de gênero, como a legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo e leis abrangentes de saúde. No entanto, a ascensão de governos conservadores trouxe retrocessos recentes, prejudicando os direitos fundamentais dos LGBTs. Tais mudanças intensificaram a violência pública, destacando a fragilidade das conquistas, devido à escassez de recursos e à falta de institucionalização das políticas (Silva *et al.*, 2016; Feddes; Jonas, 2018; Parente; Moreira; Albuquerque, 2020).

De acordo com dados alarmantes do Atlas da Violência 2023, o Brasil listou mais de 8.300 casos de agressões contra LGBTs somente no ano de 2021. Em comparação com o ano de 2020, observou-se um aumento significativo nos ataques, com incrementos de 14,6% para homossexuais, 20,3% para bissexuais e 9,3% para transgêneros (Cerqueira; Bueno, 2023).

Já no intervalo de 2000 a 2022, registraram-se 5.635 mortes decorrentes da discriminação contra a mesma minoria. Em 2022, indivíduos com idades entre 20 e 29 anos representaram 33,33% das vítimas, sendo as pessoas transgênero a maioria afetada, com 61,17%. A principal causa de óbito foi o assassinato, totalizando 83,52%, seguido por suicídio, com 10,99% (ACONTECE ARTE E POLÍTICA LGBTI+; ANTRA; ABGLT, 2023).

Esses números ressaltam a urgência de uma reflexão profunda sobre a persistência da violência em nossa sociedade, evidenciando a necessidade de combater essa crescente onda de preconceito baseada na orientação sexual e identidade de gênero. Diante do exposto, este estudo tem como objetivo analisar o que a literatura científica traz sobre a violência contra as minorias sexuais e de gênero no Brasil, no período de 2013 a 2023.

2 Objetivos

Elaborar um artigo do tipo revisão integrativa sobre a violência contra minorias sexuais e de gênero no Brasil.

3 Métodos

Trata-se de uma revisão integrativa que se estruturou nas etapas: elaboração da pergunta norteadora; busca ou amostragem na literatura; coleta de dados e análise dos estudos incluídos; discussão dos resultados e apresentação da revisão (Souza; Silva; Carvalho, 2010).

Para a elaboração do problema de pesquisa, foi utilizada a estratégia *Population; Concept; Context* (PCC), uma adaptação da estratégia PICO (Peters *et al.*, 2015). Sendo P (População) as minorias sexuais e de gênero; C (Conceito) a Violência, e C (Contexto) o Brasil. Dessa forma, estabeleceu-se a questão condutora: O que a literatura científica traz sobre a violência contra minorias sexuais e de gênero no Brasil?

Inicialmente, para o levantamento dos artigos disponíveis, buscas foram realizadas no Vocabulário em Ciências da Saúde (DeCS/MeSH). Os descritores escolhidos e utilizados nas buscas foram: “Minorias Sexuais e de Gênero”, “Pessoas LGBT”, “Homossexuais”, “Gays”, “Lésbicas”, “Transexuais”, “Transgêneros”, “Violência”, “Homofobia”, “Transfobia” e “Brasil”. Com suas respectivas traduções em inglês: “*Sexual and Gender Minorities*”, “*LGBT Persons*”, “*Homosexuals*”, “*Transgenders*”, “*Gays*”, “*Lesbians*”, “*Transsexuals*”, “*Violence*”, “*Homophobia*”, “*Transphobia*” e “*Brazil*”.

Logo depois, buscas foram feitas em fevereiro de 2024, aplicando os descritores com os operadores booleanos “OR” e “AND”, nas seguintes bases de dados: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), *Literatura Latinoamericana e do Caribe em Ciências da Saúde* (LILACS) e *U.S. National Library of Medicine* (MEDLINE via PubMed). A estratégia de busca, delineada com

base no acrônimo PCC, conforme detalhada no Quadro 1, foi aplicada de maneira abrangente em todas as plataformas.

Vale ressaltar que, tanto na SciELO quanto na LILACS, os mesmos cruzamentos foram realizados, empregando descritores em língua portuguesa. Entretanto, na SciELO, destaca-se uma única alteração introduzida, consistindo na aplicação do efeito de truncagem no descritor "Brasil", agora representado como "brasil*", com finalidade de abranger mais estudos.

Quadro 1 – Estratégia de busca utilizada na revisão integrativa

| Objetivo/Problema | O que a literatura científica traz sobre a violência contra pessoas LGBT no Brasil? | | |
|-------------------|--|---|---------------|
| | P | C | C |
| Extração | Minorias Sexuais e de Gênero | Violência | Brasil |
| Conversão | <i>Sexual and Gender Minorities</i> | <i>Violence</i> | <i>Brazil</i> |
| Combinação | <i>Sexual and Gender Minorities; LGBT Persons; Homosexuals; Transgenders; Gays; Lesbians; Transexuals</i> | <i>Violence; Homophobia; Transphobia</i> | <i>Brazil</i> |
| Construção | ("Sexual and Gender Minorities" OR "LGBT Persons" OR "Homosexuals" OR "Transgenders" OR "Gays" OR "Lesbians" OR "Transexuals") | ("Violence" OR "Homophobia" OR "Transphobia") | ("Brazil") |
| Uso | "Sexual and Gender Minorities" OR "LGBT persons" OR "Homosexuals" OR "Transgenders" OR "Gays" OR "Lesbians" OR "Transexuals") AND ("Violence" OR "Homophobia" OR "Transphobia") AND ("Brazil") | | |

Fonte: Elaboração dos autores.

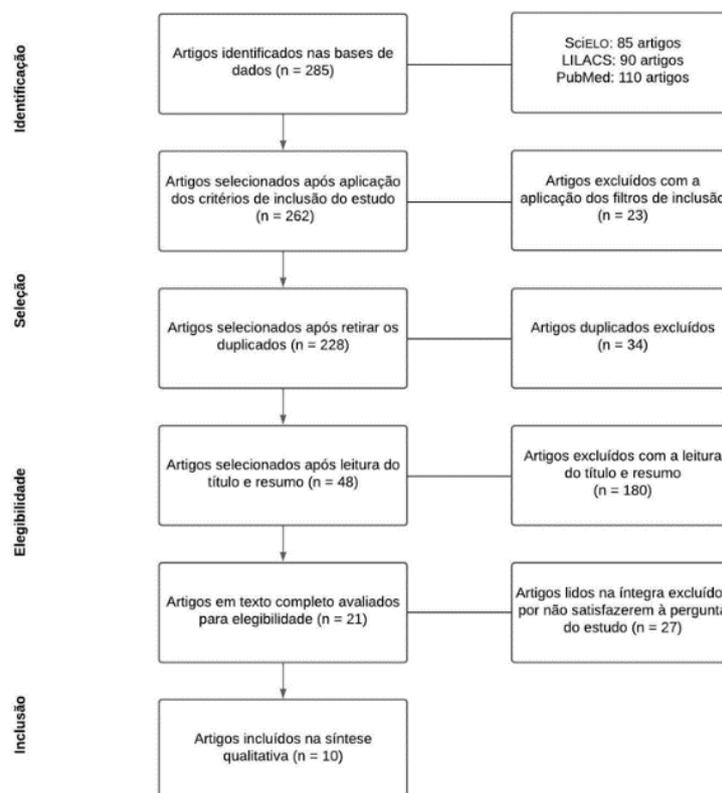
Para a seleção dos artigos contidos nesta revisão foram utilizados alguns critérios de inclusão, sendo eles: ser pesquisa referente a violência contra minorias de gênero e de sexo ou pessoas LGBT no Brasil, encontrar-se disponível eletronicamente na íntegra, ser uma pesquisa realizada entre os anos de 2013 e 2023 e que fosse um artigo em inglês ou português.

Como critérios de exclusão, estabeleceram-se: dissertação, tese, livro ou capítulo de livro, anais de eventos, editorial, estudos de revisão da literatura, estudos com fuga de tema por não responder à questão norteadora, estudos que não abordassem a questão da violência sobre o público-alvo (minorias de gênero e de sexo) e demais literatura cinzenta. Além disso, estabeleceu-se como outro critério de exclusão artigos repetidos nas bases de dados pesquisadas, nesse caso será considerado apenas uma vez.

A busca dos estudos, triagem e extração dos dados foi realizada por dois pesquisadores, que padronizaram a estratégia de busca em cada base e a executaram de forma independente, com posterior comparação dos resultados encontrados. Diante de divergências na seleção dos artigos, contaram com a presença do terceiro pesquisador para fins de desempate.

O processo de seleção dos manuscritos está delineado na Figura 1, seguindo as recomendações do *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA) (Moher *et al.*, 2009). Na base de dados SciELO, foram identificadas 85 publicações, 90 na LILACS e 110 na MEDLINE via PubMed, totalizando 285 artigos. Após a seleção criteriosa e análise, apenas 10 artigos estavam alinhados ao objeto de estudo, distribuídos entre SciELO (n=5; 50%), LILACS (n=2; 20%), e MEDLINE via PubMed (n=3; 30%).

Figura 1 – Fluxograma da seleção dos artigos



Fonte: Elaborado pelos autores, adaptado de PRISMA 2009.

Na apresentação dos resultados, utilizou-se um instrumento de coleta de dados validado por Ursi (Ursi; Gavão, 2006). Após a obtenção das informações e o preenchimento do instrumento, procedeu-se à classificação dos artigos em um quadro composto por cinco categorias.

4 Resultados

Nesta revisão integrativa, foram analisadas 10 publicações, sendo a maioria publicada em 2020 (n=2; 20%). Os estudos incluídos demonstraram homogeneidade nas regiões Nordeste e Sudeste, cada uma representando 30%, enquanto os artigos abrangendo todos os estados também alcançaram a mesma proporção (n=3; 30%). Destaca-se que dois manuscritos foram encontrados no periódico *Ciência & Saúde Coletiva* (n=2; 20%). Quanto à abordagem, metade dos estudos foram classificados como qualitativos (n=5; 50%). O Quadro 2 apresenta a caracterização da amostra, incluindo autores/ano, título do artigo, local do estudo, tipo de pesquisa e principais resultados.

Quadro 2 – Caracterização dos manuscritos selecionados. Parnaíba, Piauí, Brasil – 2024

| AUTORES E ANO | TÍTULO DO ARTIGO | LOCAL | TIPO DE PESQUISA | PRINCIPAIS RESULTADOS |
|--|---|--------------------------|------------------------------------|--|
| Malta, M. <i>et al.</i> , 2023. | <i>Addressing discrimination and violence against Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, and Queer (LGBTQ) persons from Brazil: a mobile health intervention.</i> | Brasil. | Participativa de Base Comunitária. | O aplicativo teve 4.114 usuários ativos, sendo notável o uso da pesquisa participativa na concepção da intervenção. O botão de pânico foi destacado por usuários como salvador de vidas durante ataques violentos. |
| Sousa, A. J. M.; Nogueira, F. J. S., 2022. | Narrativas de Pessoas LGBTQIA+ Universitárias acerca do Suicídio. | Parnaíba, Piauí, Brasil. | Qualitativa. | Todos tiveram contato com tentativas ou ideias suicidas, sendo que pessoas LGBTQIA+ têm seis vezes mais chance de suicídio, com risco 20% maior em ambientes hostis. |
| Ferrari, W. <i>et al.</i> , 2021. | Violências nas trajetórias afetivo-sexuais de jovens gays: “novas” configurações e “velhos” desafios. | Rio de Janeiro, Brasil. | Qualitativa. | Os jovens têm redes de apoio limitadas, como poucos amigos e acesso a blogs online, sem mencionar profissionais de saúde como fonte de ajuda. |
| Mendes, W. G.; Silva, C. M. F. P., 2020. | Homicídios da população de Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transsexuais ou transgêneros (LGBT) no Brasil: uma Análise espacial. | Brasil. | Descritiva. | De 2002 a 2016 houve 3.100 homicídios contra LGBTs no Brasil. Cerca de 59,3% eram homossexuais (incluindo bissexuais), 35,6% transgêneros e 5,1% foram classificados como outras (incluindo lésbicas). |
| Pinto, I. V. <i>et al.</i> , 2020. | Perfil das notificações de violências em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais registradas no Sistema de Informação de Agravos de | Brasil. | Descritiva. | Registraram-se 24.564 notificações de violência contra a população LGBT. Do total, 69,1% tinham entre 20 e 59 anos, metade era negra (50%), 46,6% eram transexuais ou travestis, e 57,6% eram homossexuais, |

| | | | | |
|--|---|---|---------------|---|
| | Notificação, Brasil, 2015 a 2017. | | | com 32,6% lésbicas e 25% gays. A violência física foi a mais comum, 75% dos casos. |
| Souza, L. V.; Moscheta, M. S.; Scorsolini- Comin, F., 2019. | <i>Public Conversations Group as Resource Against LGBT Violence.</i> | Minas Gerais, Brasil. | Qualitativa. | Realizaram-se três encontros com 13 participantes para discutir violência LGBT, utilizando o PCP para promover um confronto mais humano com a diferença em prol de um interesse ético. |
| Parente, J. S.; Moreira, F. T. L.; Albuquerque, G. A., 2018. | Violência física contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do nordeste brasileiro. | Juazeiro do Norte e Crato, Ceará, Brasil. | Quantitativa. | 316 participantes, maioria gays, solteiros, pardos, com idade média de 24,3 anos, enfrentaram violências ao longo da vida, destacando-se as físicas em segundo lugar (31,3%). Empurrões (21,8%) e socos (17,4%) foram os tipos mais comuns, sendo a face o local principal dos ataques (84,4%). |
| Fernandes, H. <i>et al.</i> , 2017. | Violência e vulnerabilidade ao HIV/AIDS em jovens homossexuais e bissexuais. | São Paulo, Brasil. | Qualitativa. | Os entrevistados são predominantemente jovens de cor branca e parda, com Ensino Médio completo, diagnosticados com HIV ou AIDS entre 1 e 4 anos, em parcerias estáveis. Ambientes hostis impactam negativamente a saúde e aumentam o risco de infecção pelo HIV. |
| Albuquerque, G. A. <i>et al.</i> , 2016. | Violência psicológica em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do Ceará, Brasil. | Juazeiro do Norte e Crato, Ceará, Brasil. | Quantitativa. | Destacou-se a prevalência de violência psicológica, com insultos à distância sendo o tipo mais comum. As reações físicas, como agressões, são as formas predominantes de resposta. |
| Souza, M. H. T. <i>et al.</i> , 2015. | Violência e sofrimento social no itinerário de travestis de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. | Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. | Qualitativa. | Travestis, de 18 a 53 anos, com Ensino Fundamental incompleto, desempenham diversas atividades, incluindo diaristas e profissionais do sexo. Para evitar constrangimentos, evitam espaços públicos durante o dia. |

Fonte: Elaborado pelos autores.

5 Discussão

Perfis sociodemográficos dos indivíduos acometidos pela violência

No contexto da orientação sexual, alguns artigos apontaram para a vulnerabilidade de grupos como homossexuais, bissexuais, lésbicas, transgêneros, transexuais, travestis e outras minorias, identificando-os como os mais frequentemente afetados pela violência. No entanto, em relação à identidade de gênero, houve uma categorização em três tipos principais: masculino, feminino e pessoas não-binárias. Vale ressaltar que algumas pesquisas destacaram a predominância da violência em indivíduos do sexo masculino (Albuquerque *et al.*, 2016; Parente; Moreira; Albuquerque, 2018; Pinto *et al.*, 2020).

No que tange a raça, cor ou etnia, entre os quatro estudos que exploraram o perfil sociodemográfico, 75% indicaram que indivíduos pardos são mais comumente vítimas de violência em todos os tipos de gênero e orientação sexual (Albuquerque *et al.*, 2016; Parente; Moreira; Albuquerque, 2018; Pinto *et al.*, 2020). Entretanto, uma pesquisa destacou que os indivíduos brancos são os mais afetados pela violência, especialmente no âmbito físico, considerando os homicídios ocorridos na comunidade LGBT (Mendes; Silva, 2020).

No que se refere à faixa etária, destaca-se que o grupo mais suscetível à violência compreende indivíduos com idade entre 20 e 59 anos. Entretanto, é crucial salientar que persiste uma preocupante prevalência de casos entre aqueles com idades entre 15 e 19 anos, evidenciando que a violência não se limita apenas à idade adulta, mas permeia a adolescência nessa parcela da população (Pinto *et al.*, 2020).

No âmbito educacional, um estudo revelou uma alta prevalência de indivíduos com baixa escolaridade devido à necessidade de ingressar no mercado de trabalho mais cedo do que o previsto (Pinto *et al.*, 2020). Porém, outras pesquisas destacaram pessoas que concluíram o ensino médio ou até mesmo alcançaram o ensino superior (Albuquerque *et al.*, 2016; Parente; Moreira; Albuquerque, 2018).

O estado civil também foi uma característica enfatizada, indicando que os solteiros eram os mais propensos à violência, seguidos pelos que estavam em relacionamentos. Nesse sentido, os estudos destacaram que pessoas solteiras estavam sujeitas a sofrerem mais do que indivíduos em outro estado civil, (Albuquerque *et al.*, 2016; Parente; Moreira; Albuquerque, 2018).

Principais formas de violência

A violência física prevalece como a mais comum entre as minorias de sexo e gênero no contexto brasileiro (Parente; Moreira; Albuquerque, 2018; Pinto *et al.*, 2020). Em uma

investigação realizada na região nordeste do Brasil, a análise da violência física foi detalhada em subtipos, buscando identificar os eventos mais comuns nesse tipo de agressão. Os resultados da pesquisa destacaram que empurrões, socos e bofetadas eram os incidentes mais frequentes. Adicionalmente, observou-se uma alta prevalência de casos envolvendo arranhões e puxões (Parente; Moreira; Albuquerque, 2018).

Além disso, uma pesquisa conduzida no interior do estado do Ceará evidenciou um aumento significativo nos casos de violência psicológica, procedendo à categorização de diversos subtipos desse tipo de agressão. Dentre esses subtipos, destacam-se insultos proferidos de longe, de perto e gritos de intimidação como os mais recorrentes na prática desses abusos (Albuquerque *et al.*, 2016).

Foram identificados outros tipos de violência em um estudo que examinou o perfil das notificações de agressão. Além dos casos de violência mental e física, a violência sexual ocupou o terceiro lugar entre as formas mais frequentemente relatadas, seguida pelos tipos financeira e a negligência, que abrange desde o abandono até a discriminação por parte da sociedade (Pinto *et al.*, 2020).

No que diz respeito ao cenário dessas agressões, o ambiente domiciliar se revela como o espaço mais propício para a prática de violência, seja de natureza física, psicológica ou sexual. Essa constatação sublinha, de forma preocupante, a realidade da violência doméstica enfrentada por minorias sexuais e de gênero, revelando como principais agressores familiares ou parceiros íntimos (Pinto *et al.*, 2020).

Consequências das agressões

Dentre os dez estudos selecionados, quatro discorrem acerca das consequências dos inúmeros tipos de violências praticadas contra pessoas LGBT. A chance dos integrantes deste grupo de tirar a própria vida é seis vezes maior em relação a heterossexuais, com risco 20% maior de suicídio quando convivendo em ambientes hostis à sua orientação sexual ou identidade de gênero. Tais resultados sugerem que a prevalência de agressões praticadas contra esta população é de grande risco para seu pleno bem-estar na sociedade (Sousa; Nogueira, 2022).

Um estudo conduzido na Universidade Federal do Delta do Parnaíba destacou a violência como uma das quatro categorias cruciais para compreender a narrativa de estudantes LGBT acerca do suicídio. Todos os participantes afirmaram ter tentado suicídio ou apresentar ideação. O preconceito relacionado à orientação sexual e identidade de gênero desempenha um papel significativo no adoecimento, causando

sofrimento e dificultando o acesso a serviços de saúde, lazer, trabalho, entre outros (Sousa; Nogueira, 2022).

Além disso, uma pesquisa realizada na Região Sudeste do Brasil procurou compreender as violências vivenciadas por jovens homossexuais e bissexuais. Verificou-se que ambientes insalubres e agressivos afetam negativamente a saúde desses jovens, levando ao isolamento e ao silenciamento em relação à sua sexualidade. Diante desse cenário de violência e segregação social, emerge a busca por afeto fora do círculo familiar e de amizades, mantendo essas relações em segredo. Ao se entregar sem racionalização a quem oferece segurança, aumenta-se a vulnerabilidade ao HIV/AIDS (Fernandes *et al.*, 2017).

Do mesmo modo, a violência e sofrimento social no itinerário de travestis consomem grande parte de suas liberdades sociais. Para elas, a exposição a situações de violência física é uma constante no dia a dia, sujeitas a agressões, ferimentos e ofensas verbais em diferentes contextos, como família, escola, pontos de prostituição e espaços públicos. Em consequência disso, a tendência é que essa população evite espaços públicos, como ruas durante o dia, e locais comuns, como farmácias, mercados, entre outros. A finalidade é minimizar o sofrimento diário, desviando-se de situações que resultam em constrangimento, xingamentos e até agressões (Souza *et al.*, 2015).

Com isso, é notório que a violência permeia o cotidiano da comunidade LGBT, tornando reações violentas, como xingamentos, agressões e expulsões de casa, uma triste normalidade que faz parte do processo de "se assumir". Em situações de abuso, o temor de recorrer à delegacia é alimentado pelo medo e pela vergonha, revelando fragilidades nas redes de apoio. Isso faz com que os meios mais comuns para o compartilhamento de experiências e busca de ajuda sejam *blogs* e outras mídias digitais (Ferrari *et al.*, 2021).

Intervenções aplicadas

Diante do exposto, faz-se imperativo direcionar atenção para iniciativas que abordam e analisam intervenções contra as agressões físicas, psicológicas e verbais direcionadas à população LGBT brasileira. As políticas públicas atuais encontram-se vulneráveis diante do avanço do conservadorismo, fundamentalismo religioso e movimentos de extrema-direita. Além disso, a escassez de informações sobre o tema também representa um desafio para a implementação de estratégias eficazes na proteção das vítimas e responsabilização dos perpetradores de violência (Souza; Moscheta;

Scorsolini-Comin, 2019; Sousa; Nogueira, 2022).

Com base em justificativa social e na escassez de políticas públicas para proteger minorias sexuais e de gênero no Brasil, uma pesquisa realizou o Projeto Conversas Públicas (PCP), visando abordar a violência contra a população LGBT. A proposta dessas conversas visa estabelecer um espaço de diálogo. Nele, indivíduos com perspectivas diversas sobre temas como o casamento entre pessoas do mesmo sexo ou legislação relacionada à homofobia poderiam colaborar explorando suas diferenças, evitando conflitos (Sousa; Moscheta; Scorsolini-Comin, 2019).

A receptividade majoritariamente positiva dos participantes permitiu a formulação de acordos e propostas futuras como evidências de posicionamento contra a violência direcionada à comunidade LGBT. As discussões têm potencial para expandir-se, incorporando abordagens mais específicas no combate à violência e na criação de iniciativas e intervenções. A exploração das consequências de longo prazo desses grupos emerge como uma perspectiva para investigações futuras (Sousa; Moscheta; Scorsolini-Comin, 2019).

Ademais, um estudo traz o meio digital como viabilizador de ótimas possibilidades para ajudar vítimas de agressões LGBTfóbicas, além de facilitar as denúncias de violência. É o caso do "*Rainbow Resistance: Dandarah*", aplicativo desenvolvido e testado por membros da comunidade LGBT no Brasil. Este aplicativo permite que seus usuários denunciem e mapeiem atos de violência, preconceito e crimes de ódio contra minorias sexuais e de gênero no território brasileiro. Desde 2019, aproximadamente 4.000 pessoas têm utilizado a plataforma para denunciar violência e oferecer apoio às vítimas (Malta *et al.*, 2023).

Por fim, torna-se crucial implementar programas abrangentes de capacitação para profissionais de saúde, priorizando a abordagem de questões relacionadas à formação humanizada. Além disso, é imperativo fornecer conhecimento sobre a Política Nacional de Saúde Integral LGBT, com o propósito de garantir um atendimento isento de discriminação e acolhedor às vítimas de violência (Sousa; Nogueira, 2022).

6 Conclusão

Frente à violência contra minorias sexuais e de gênero, esta revisão integrativa, embasada na atualização literária, respondeu à questão norteadora e a detalhou na discussão em categorias. Contudo, é crucial reconhecer as limitações, como a restrição a artigos em três bases de dados, o uso somente de artigos e a temporalidade, que impactaram a amplitude da pesquisa.

Ao delinear as características das vítimas, observou-se uma presença acentuada da violência em grupos específicos, como indivíduos com baixa escolaridade, solteiros, predominantemente pardos e jovens de 20 a 29 anos. Isso ressalta a urgência desse fenômeno como um problema de saúde pública, exigindo ações imediatas.

Dessa maneira, destaca-se a importância de ampliar o escopo de estudos para embasar mais intervenções eficazes, enfatizando a necessidade de medidas inclusivas. Além disso, a formação especializada é crucial para que profissionais de saúde possam identificar e oferecer um atendimento adequado às vítimas. Essa abordagem holística é vital para enfrentar a complexidade da violência e promover a equidade e segurança para as minorias sexuais e de gênero.

Referências

ALBUQUERQUE, G. A. *et al.* Violência psicológica em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do Ceará, Brasil. **Saúde em debate**, v. 40, p. 100-111, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-1104201610908>.

CERQUEIRA, D.; BUENO, S (coord). **Atlas da violência 2023**. Brasília: Ipea; FBSP, 2023. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/artigo/250/atlas-da-violencia-2023>.

FEDDES, A.; JONAS, K. Associations between Dutch LGBT hate crime experience, well-being, trust in the police and future hate crime reporting. **Social Psychology**, v. 51, n. 1, p. 171-182, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1027/1864-9335/a000409>.

FERNANDES, H. *et al.* Violência e vulnerabilidade ao HIV/AIDS em jovens homossexuais e bissexuais. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 30, p. 390-396, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-0194201700058>.

FERRARI, W. *et al.* Violências nas trajetórias afetivo-sexuais de jovens gays: “novas” configurações e “velhos” desafios. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 2729-2738, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021267.07252021>.

MALTA, M. *et al.* Addressing discrimination and violence against Lesbian, Gay, Bisexual,

Transgender, and Queer (LGBTQ) persons from Brazil: a mobile health intervention. **BMC public health**, v. 23, n. 1, p. 2069, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12889-023-16857-4>.

MENDES, W. G; SILVA, C. M. F. P. Homicídios da população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais ou transgêneros (LGBT) no Brasil: uma análise espacial. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 1709-1722, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020255.33672019>.

MOHER, D. *et al.* Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement. **Annals of internal medicine**, v. 151, n. 4, p. 264-269, 2009. DOI: [10.1371/journal.pmed.1000097](https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1000097).

ACONTECE ARTE E POLÍTICA LGBTI+; ANTRA; ABGLT. **Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil: Dossiê 2022**. Florianópolis: Acontece, ANTRA, ABGLT, 2023.

PARENTE, J. S.; MOREIRA, F. T. L. S.; ALBUQUERQUE, G. A. Violência física contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do nordeste brasileiro. **Revista de salud pública**, v. 20, p. 445-452, 2018. DOI: <https://doi.org/10.15446/rsap.v20n4.62942>.

PETERS, M. *et al.* 2017 guidance for the conduct of JBI scoping reviews. **Joana Briggs Inst Rev Man**, v. 13, n.3, p. 41-146, 2017. DOI: [10.1097/XEB.0000000000000050](https://doi.org/10.1097/XEB.0000000000000050).

PINTO, I. V. *et al.* Perfil das notificações de violências em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais registradas no Sistema de Informação de Agravos de Notificação, Brasil, 2015 a 2017. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 23, n. suppl 1, p. e200006. SUPL. 1, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/141381232020255.33672019>.

SILVA, G *et al.* Cases of violence involving transvestites and transsexuals in a northeastern Brazilian city. **Rev. Gaúcha Enfermagem**, v. 37 n. 2, p. e56407, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2016.02.56407>.

SOUSA, A. J. M; NOGUEIRA, F. J. S. Narrativas de Pessoas LGBTQIA+ Universitárias acerca do Suicídio. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 22, n. 1, p. 32-49, 2022. DOI: <https://doi.org/10.12957/epp.2022.66451>.

SOUZA, L. V.; MOSCHETA, M. S; Fabio SCORSOLINI-COMINET, F. Public conversations group as resource against LGBT violence. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 29, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-4327e2905>.

SOUZA, M. H. T. *et al.* Violência e sofrimento social no itinerário de travestis de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 31, p. 767-776, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00077514>.

SOUZA, M.; SILVA, M.; CARVALHO, R. Integrative review: what is it? How to do it?. **Einstein (São Paulo)**, v. 8, p.102-106, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134>.

URSI, E. S.; GAVÃO, C. M. Prevenção de lesões de pele no perioperatório: revisão integrativa da literatura. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 14, p. 124-131, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-11692006000100017>.

WHO. World Health Organization. **World report on violence and health**. Geneva, 2002. Disponível em: <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/67403/a77019.pdf>.